CONFLITO HÍBRIDO, GUERRA TOTAL

*Por Pol Bargués**

Strategy International.

Campanhas de desinformação destinam-se a deslegitimar ações do adversário e justificar as suas próprias, enquanto ataques cibernéticos complementam táticas de guerra convencionais, tornando a guerra completamente imprevisível.

Quando a invasão russa da Ucrânia começou no final de fevereiro, analistas e jornalistas foram rápidos em descrever a guerra como "uma guerra convencional sangrenta" ou "um confronto convencional com esteroides, entre exércitos lutando como gladiadores". No entanto, esta guerra não pode ser compreendida sem o componente híbrido, sem a parte menos convencional da guerra.

O conceito de conflito híbrido serviu durante anos para entender o que estava acontecendo em Donbass (2014-2022): confrontos militares convencionais entre o exército ucraniano e separatistas pró-russos apoiados pela Rússia foram combinados com táticas irregulares, como desinformação, ataques cibernéticos, tumultos ou insurgência para criar uma área cinzenta que se arrastou por sete anos. As táticas híbridas se intensificaram desde o início da guerra e estão tornando essa disputa mais imprevisível, menos clara e ainda mais brutal.

O teórico da Escola Inglesa de Relações Internacionais, Hedley Bull, disse que não só os tempos de paz, mas também as guerras eram reguladas por regras. As quatro Convenções de Genebra e seus Protocolos Adicionais estabelecem limites para a guerra, enquanto outras regras não escritas também orientam as relações internacionais. Mas o componente híbrido está corroendo a verdade e essas

normas. Durante anos, as campanhas de desinformação influenciaram a política e borraram a linha entre guerra e paz.

Por exemplo, em 2014, o Kremlin negou envolvimento na operação em que soldados em verde não identificados ganharam o controle da Crimeia e facilitaram sua anexação pela Rússia. Além disso, o governo russo e canais de televisão relacionados acusaram repetidamente as forças ucranianas de serem "neonazistas" e reprimirem a cultura russa e os cidadãos pró-russos no Donbass.

Essas táticas de desinformação se multiplicaram desde o início da invasão russa da Ucrânia e impedem a construção de normas coletivas. Em seu discurso de 21 de fevereiro, Vladimir Putin acusou o governo ucraniano de ter desenvolvido "russofobia e neonazismo agressivos" e de ter cometido "genocídio", justificando sua operação especial contra a Ucrânia com esses argumentos. Não se trata apenas de diferentes interpretações da verdade, a desinformação consiste em enganar, manipular, falsificar intencionalmente. Contas de mídia social pró-Rússia distribuíram vídeos falsos da BBC relatando atrocidades cometidas pelo exército ucraniano ou postaram que forças pró-ocidentais cometeram o massacre de Bucha, onde mais de 400 civis foram torturados e mortos.

Nesse mesmo contexto, *sites* oficiais ucranianos foram sequestrados para divulgar propaganda pró-Rússia, como imagens de soldados russos protegendo civis, distribuindo alimentos ou facilitando corredores humanitários. Outras vezes, os *hacks* simplesmente criam confusão, como quando foi publicado que um acordo de paz havia sido assinado.

Notícias falsas também circularam na mídia ocidental, na qual a Rússia foi acusada sem evidências de usar crematórios móveis para descartar os corpos de civis e soldados russos, a fim de evitar o pagamento de indenizações às suas famílias. Essas campanhas de desinformação desempenham um papel fundamental. Destina-se a deslegitimar as ações do adversário e justificar as suas próprias. A possível "nobreza" de uma guerra entre "gladiadores" é definitivamente quebrada pelo turbilhão de *fake news* e desinformação.

O ciberespaço também foi um dos principais cenários do conflito; um espaço inexplorado nas guerras convencionais do século XX, difícil de regular, e que agora contribui para a destruição. Desde o início da invasão, a Rússia lançou ataques cibernéticos e ataques de negação de serviço (DDoS) contra sites governamentais, empresas de telecomunicações, telefones celulares de parlamentares e a mídia. Em 27 de março, a principal empresa de telecomunicações ucraniana, Ukrtelecom, ficou fora do ar por horas e as comunicações militares ucranianas estão sendo constantemente interrompidas. Alguns estados membros da OTAN, como a Polônia ou os Estados Unidos, também foram vítimas desse tipo de ruptura. A Rússia negou envolvimento em tais ataques cibernéticos.

Na realidade, as ofensivas no ciberespaço foram em ambas as direções. *Sites* oficiais russos (incluindo os do Kremlin), bem como redes de televisão, bancos e infraestrutura de telecomunicações também foram afetados. Os ataques cibernéticos são um complemento às táticas de guerra convencionais que permitem desativar e destruir a infraestrutura e as comunicações do adversário,

bem como obter informações sobre suas estratégias para impedi-las. A guerra convencional torna-se completamente imprevisível.

O confronto econômico, especialmente na esfera energética, também tem sido usado para travar essa guerra, o que implica tentar romper a interdependência entre a Rússia e a Europa. Além disso, sendo alvos militares que enfraquecem o inimigo, as usinas ucranianas foram bombardeadas. Isso fez com que dezenas de cidades e milhares de consumidores ficassem sem abastecimento de gás.

As táticas híbridas provaram estar interconectadas entre si, multiplicando seu efeito devastador sobre o conflito. As empresas de energia foram vítimas de ataques cibernéticos e a rede elétrica ucraniana sofreu danos significativos, causando apagões a mais de dois milhões de pessoas. Esta estratégia foi acompanhada por uma campanha de propaganda baseada na exaltação da Rússia como fornecedor insubstituível de energia para toda a Europa.

A combinação de guerra convencional com novas táticas híbridas aguça a dureza da guerra. Quando nos concentramos apenas em tanques e na lógica militar da guerra, perdemos a constante confusão e desorientação na Ucrânia. Isso dificulta o cumprimento das normas e a construção do coletivo, tão importante para a construção da paz. A guerra se arrasta com ataques heterogêneos, enquanto algumas tragédias são escondidas, outras calamidades são exageradas e o ceticismo cresce por toda parte.

Publicado no CIDOB.

***Pol Bargués** é pesquisador do CIDOB. Obteve seu PhD pela Universidade de Westminster, Reino Unido, em 2014. Foi pesquisador de pós-doutorado no Centro de Pesquisa em Cooperação Global e no Instituto para Desenvolvimento e Paz, ambos na Universidade de Duisburg-Essen, Alemanha. Ministrou cursos de Relações Internacionais na Universidade de Groningen, na Holanda, e no Institut Barcelona d'Estudis Internacionals, na Espanha. É autor de "Deferring Peace in International Statebuilding: Difference, Resilience and Critique".*